
DOSSIÊ: —
Cidade, teoria, etnografia

HEITOR FRÚGOLI JR.* (USP)
LAURA GRAZIELA GOMES** (UFF)

APRESENTAÇÃO

O presente dossiê é fruto de nossa experiência acumulada durante três anos na coordenação de um grupo de trabalho, com enfoques específicos no campo da produção acadêmica das ciências sociais brasileiras sobre temáticas urbanas, no âmbito da ANPOCS.¹ A criação desse GT foi motivada por experiências anteriores de GTs na RBA (2002, 2004 e 2006)² e na RAM (2007), já que boa parte daqueles que apoiaram o surgimento desse grupo na ANPOCS participou anteriormente desses fóruns. Aprofundar a compreensão do modo como a dimensão urbana vem sendo circunscrita em tais produções constituiu uma das preocupações centrais de nossa reflexão, na condição de organizadores desses grupos de trabalho e como organizadores do presente dossiê.

Fenômenos urbanos têm sido, por sua densidade constitutiva, objetos de reflexão e investigação de várias disciplinas, entre as quais as ciências sociais, num campo marcado por debates multidisciplinares. Isso exige, por um lado, a capacidade de dialogar com um conjunto amplo de perspectivas de análise, mas, ao mesmo tempo, de *construir*

¹ Referimo-nos ao Seminário Temático, Cidades: perspectivas e interlocuções nas ciências sociais (2007) e ao Grupo Temático, A cidade nas ciências sociais: teoria, pesquisa e contexto (2008-2009), que tivemos a oportunidade de coordenar.

² Ei-los: Cidades, representações e experiência social (RBA, 2002, coord.: Fernanda A. Peixoto e H. Frúgoli Jr.), As múltiplas faces da cidade e do urbano (RBA, 2004, coord.: Luciana T. de Andrade e H. Frúgoli Jr.), As cidades e seus lugares (RBA, 2006, coord.: Fraya Frehse e Rogério P. Leite), Cidades no mundo contemporâneo: caminhos e tensões entre o social e o cultural (RAM, 2007, coord.: Mônica B. Lacarrieu e Laura Graziela Gomes). Várias reflexões das RBA de 2002 e 2004 foram também objeto de uma publicação: a coletânea *As cidades e seus agentes* (Frúgoli Jr.; Andrade; Peixoto; 2006).

* Professor do Departamento de Antropologia da FFLCH/USP.

** Professora do Departamento de Antropologia da UFF.

eixos disciplinares claros e específicos, que enfeixem, classifiquem e hierarquizem as temáticas e recortes mais relevantes.

Entre os caminhos possíveis para tal problematização, entendíamos que uma reflexão em torno das *práticas etnográficas* seria oportuna, primeiro porque elas já contam com certa tradição nos estudos urbanos – sobretudo na antropologia e sociologia urbanas, cujas orientações e impactos diferenciados ajudam, inclusive, a estabelecer uma tensão positiva no diálogo entre tais disciplinas.³ Mais recentemente, tem havido uma incorporação da etnografia por outras áreas, além de interesses renovados por esse método, em virtude do diagnóstico de uma realidade urbana marcada por mudanças substanciais, cujas especificidades desse tipo de investigação podem potencialmente auxiliar na reconstituição de atores, redes, tramas e territorialidades. A perspectiva de que tal debate ocorresse na ANPOCS – como de fato veio a acontecer – permitia, portanto, avanços tanto na *compreensão de fenômenos significativos em curso nas cidades*, quanto na *explicitação das perspectivas de análise sobre o urbano*. Nesse sentido, tão importante quanto pensar questões relevantes sobre as cidades – sejam aquelas decorrentes das desigualdades sociais, sejam as relacionadas a gostos ou estilos de vida –, figurava a preocupação a respeito da contribuição desses olhares sobre o urbano para a teoria nas ciências sociais.

Contudo, tornava-se fundamental avançar no debate orientado para a busca concomitante de especificidade disciplinar e capacidade de interlocução interdisciplinar, através de uma *reflexão mais precisa sobre enfoques teórico-metodológicos adotados*, com atenção especial ao peso das investigações empíricas, sobretudo as de caráter qualitativo, nas formulações teóricas. Para tal intento, a explicitação dos enfoques teóricos e metodológicos, longe de constituir um entrave, acarretaria uma precisão absolutamente necessária nesse campo de debates (ou de investigação), no qual uma série de conceitos comuns não é condição suficiente para o aprofundamento sobre temas ou problemas efetivamente partilhados.

Vários participantes desse grupo de trabalho privilegiaram temas como as articulações matizadas entre discursos e práticas de intervenção urbanísticas, as dinâmicas de produção de representações em torno do urbano ou sentidos diferenciados da historicidade urbana. Diversas abordagens pautaram-se por uma retomada crítica do conceito de segregação socioespacial, através da análise de novas modalidades com que ela se apresenta, para além da atenção não apenas ao isolamento territorial de certos grupos, mas à questão do acesso a espaços, bens e serviços, bem como dos inúmeros fluxos e trocas que se estabelecem entre os moradores

³ Ver uma abordagem sintética a respeito em Frúgoli Jr. (2009).

ou usuários de tais áreas e os de outras áreas da cidade. Nesse sentido, foram privilegiadas comparações – com as devidas mediações – entre favela e periferia, que constituem referências significativas nos estudos cariocas e paulistas, respectivamente, com atenção não apenas a distintas territorialidades em jogo, mas também a possíveis diferentes historicidades – sem falar evidentemente de outras cidades, cujas especificidades têm sido abordadas por pesquisas também sistemáticas.⁴ Várias questões fundiárias no contexto urbano foram também tematizadas, relativas a processos de ocupação legais ou ilegais de terrenos ou edifícios, seja em decorrência da própria lógica de expansão e desenvolvimento das cidades brasileiras, seja devido a processos de deslocamento de populações e grupos em seu interior, motivados por questões como violência, tráfico de drogas ou áreas de risco, entre outras.

Parte dos *papers* apresentados, mesmo aqueles que não tratavam de cidades de grande porte, trouxeram à tona o impacto de intervenções urbanas e de processos de requalificação recentes e, nesse sentido, faziam uso de conceitos como o de *gentrification*, formas de enobrecimento ou patrimonialização, paralelamente aos processos de metropolização. Não por acaso, esses trabalhos apresentavam uma interlocução significativa com outras áreas, como história, arquitetura, urbanismo, além de elegerem também o campo político, as negociações e mediações culturais que norteiam as relações entre moradores, populações, movimentos sociais, agentes e agências políticas, diretamente implicados nesses projetos de intervenção como objetos de investigação.

Embora nossa expectativa fosse de trabalhos que combinassem, o máximo possível, perspectivas teóricas e de pesquisa, contamos também com a colaboração substantiva de balanços críticos sobre o tema, com abordagens inovadoras sobre genealogias e análises das trajetórias de investigadores do urbano no Brasil.

Um dos desdobramentos desse conjunto de discussões foi a possibilidade de pensar criticamente certos dualismos que permeiam nossas análises – dado que lhes conferem um certo índice de inteligibilidade, mas que devem passar pelo crivo da crítica ou relativização –, tais como as polaridades consagradas de “centro” e “periferia”, “tradição” e “modernidade”, ou “micro” e “macro”, com debates que certamente merecerão desdobramentos.⁵

⁴ Embora isso não constituísse um objetivo explícito, o diálogo entre estas duas tradições acadêmicas de certa forma balizou várias discussões ao longo do GT.

⁵ O ST Cidades: dimensões, escalas e composições (ANPOCS/2010, a ser coordenado por Cristina Patriota de Moura e Mariana Cavalcanti) dará certa continuidade ao que foi percorrido até aqui.

Os textos que se seguem permitem ao leitor um panorama significativo – mesmo que parcial, dada a inegável qualidade de vários outros trabalhos, infelizmente não inseridos neste dossiê – de abordagens que lidaram com tópicos substanciais de nosso campo de interlocuções.

O artigo que abre o dossiê é de Mariana Cavalcanti,⁶ nele a autora apresenta resultados preliminares de uma pesquisa antropológica em andamento sobre o que ela chama de mercados imobiliários “limiães”,⁷ construção teórica caracterizada basicamente pela convergência de preços em imóveis situados em áreas limítrofes entre “favelas” e a “cidade formal” – notadamente em bairros da Zona Norte e do subúrbio carioca –, o que permite um olhar atento a processos de reconfiguração de fronteiras de várias ordens, que delimitam as favelas cariocas. Através de estratégias etnográficas diferenciadas e relacionadas, a autora problematiza aspectos substanciais da dicotomia favela-asfalto, na direção de uma teoria etnográfica da produção de valor, associada a moradias em áreas urbanas assinaladas pela eclosão de modalidades de criminalidade violenta. Neste sentido, vale observar a combinação entre processos históricos de valorização de imóveis situados em favelas – a partir de um conjunto de intervenções urbanísticas promovidas pelo Estado (com todos os limites e contradições decorrentes) – e as territorialidades estabelecidas pelo tráfico de drogas, cujos efeitos locais se espriam pela cidade mais ampla e acarretam forte desvalorização de tais regiões.

Entre as várias dimensões destacadas pela autora, pode-se assinalar que, mesmo em áreas marcadas por tiroteios recorrentes e que sofreram uma acentuada e crescente desvalorização de seus imóveis (com um papel bastante ambíguo desempenhado por agentes imobiliários), tal fato não exclui a possibilidade de muitas famílias moradoras de favelas próximas – cujas trajetórias se pautam pela ética do trabalho duro em condições adversas, do sacrifício e da mobilidade social – vislumbrarem em tais mercados uma possibilidade concreta de se mudar da “favela” para o “asfalto”. Assim, o que representaria a perda de valor para um grupo, representa para outros a aquisição de um valor novo, não apenas de ordem material, mas, sobretudo, de ordem simbólica.

O segundo artigo, de Cristina Patriota de Moura,⁸ trata da proliferação de condomínios horizontais na cidade de Brasília – cujo papel nos processos

⁶ Apresentado na sessão Territorialidades, conflitos e fronteiras (2009) – e que retoma questões de artigo anterior (Cavalcanti, fev./2009), apresentado originalmente na sessão Relações, mediações e trajetórias urbanas (2007).

⁷ Noção descritiva que não deve ser confundida, lembra a autora, com a de “liminaridade” (cunhada por Victor Turner).

⁸ Apresentado na sessão Trocas, mediações e fronteiras urbanas (2008).

de expansão urbana do Distrito Federal tem sido considerável –, privilegiando narrativas de moradores de diferentes faixas de renda. Um dos argumentos da investigação é que, para além de uma aparente similitude espacial dessas áreas residenciais muradas, estão em jogo fenômenos espaciais diferenciados, com uma grande variedade de experiências e significados vivenciados e partilhados. Há desde espaços destinados a elites, com apelo ao planejamento e à modernidade urbanística, até áreas remanescentes de “invasões”, cujas situações fundiárias – muitas vezes marcadas por várias camadas de irregularidades – inspiram novas formas de insegurança e estratégia de defesa e fortificação de moradores, não (como de costume) com relação à violência e ao crime, mas contra o próprio Estado. As referências teóricas que amparam esse olhar, em diálogo com influências como as de Latour (1993) ou Deleuze e Guattari (1978), permitem à autora analisar de forma arrojada tais espacialidades, enquanto formas sociais cujos elementos se combinam em composições singulares, abertas (apesar do fechamento espacial) e não redutíveis a modelos fixos, o que não impede que possam ser comparadas entre si e mesmo com outros processos de ocupação territorial. Nesse sentido, a combinação entre os componentes “consolidação”, “regularização”, “medo” e “*status*” adquirem, no contexto de Brasília, sínteses originais e desafiantes à compreensão antropológica.

O texto seguinte, de autoria de Jussara Freire e Lia de Mattos Rocha⁹ e diz respeito ao que as autoras denominam de uma sociografia da sociologia urbana brasileira. Busca-se compreender trajetórias, obras e estilos de pesquisa dessa área, através da reconstituição de caminhos percorridos por autores cujos trabalhos singularizam tal campo, bem como possíveis papéis de “mediação” ou “tradução” de escolas ou tradições “de fora”, enfocando no caso a notável contribuição de Luiz Antonio Machado da Silva.¹⁰ Isso enseja a compreensão de uma série de temas substanciais em torno das práticas de sociabilidade em metrópoles brasileiras (no caso, o Rio de Janeiro), à medida que suas pesquisas exploram um conjunto significativo de espaços e dimensões relacionais das camadas populares: os movimentos sociais, os botequins, o jogo do bicho, a informalidade e a violência urbana. Tal intento se inspira em trabalhos pioneiros de Latour & Woolgar (1986 [1979]) – que realizaram etnografias do fazer científico – e de Valladares & Medeiros (2003) – que têm mapeado sob vários ângulos temas recorrentes da pesquisa urbana brasileira, como as favelas –, chegando a uma síntese esclarecedora e com

⁹ Apresentado na sessão Cidade e teoria nas ciências sociais (2009).

¹⁰ Que gentilmente participou como comentador na sessão Territorialidades, conflitos e fronteiras (2009).

várias pistas de desdobramento. Nesse caminho, é importante atestar os trabalhos de campo de Machado da Silva em favelas, já na década de 1960 (época na qual a temática da marginalidade estava em voga, e pela qual o autor sempre demonstrou preferências, constituindo-se um tema transversal), com atenção especial à questão da heterogeneidade interna a tais territórios. Entre os eixos analíticos contemplados, marcados por continuidades e rupturas, o artigo destaca suas abordagens, a partir de meados da década passada, em torno de um novo modo de vida articulado à aparentemente paradoxal “sociabilidade violenta”, oposta a certos arranjos institucionais voltados à ordenação das relações sociais cotidianas, e que, de certa forma, interliga interesses analíticos diversos, ao longo da trajetória de Machado da Silva.¹¹

O último texto de Mônica de Carvalho,¹² por sua vez, dialoga com uma série de referências sociológicas clássicas, baseando sua pesquisa no distrito de Anhanguera (no extremo Noroeste da cidade de São Paulo, com um crescimento demográfico de 210% ao longo da década de 1990), com enfoque sobre trajetórias de vida de moradores de loteamentos clandestinos, permeadas por vários conflitos fundiários. Há uma ênfase na noção de situação de fronteira, lugar por excelência do conflito, através da qual a autora faz uma crítica aos limites da oposição centro-periferia,¹³ ao frisar a necessidade da superação dialética da dicotomia rural-urbano, dentro da opção de articular as questões agrária e urbana na mesma análise – ainda mais porque os sujeitos entrevistados sofrem processos de expropriação (e vivem numa condição liminar) em ambas as esferas. A atenção da autora recai sobre a questão da produção de terra urbana a ser apropriada pelo capital imobiliário, produção essa que ocorre através da posse fundiária, não incorporada ao mercado de terras formal. Um dado substantivo é que, se na década de 1980 a maioria dos movimentos sociais de luta por moradia se organizava em torno de reivindicações voltadas ao acesso aos bens de consumo coletivo, na década seguinte vários desses movimentos (como o Movimento Quero Um Teto Central (MQT), objeto do estudo) se constituem como organizações profissionais direcionadas à venda de terras. Assim, quando o MQT se propôs a comprar terras para evitar riscos ligados a possíveis “invasões”, tornou-se ele mesmo um dos agentes dessa frente de expansão, com a delimitação de um novo conjunto de contradições que desafiam a reflexão.

¹¹ Vale a pena, nesse sentido, ler Machado da Silva (2008).

¹² Apresentado em 2007, na sessão Fenômeno urbano, centralidades e periferias.

¹³ Inspirando-se, nesse caso, nos trabalhos de José de Souza Martins (sobre sua crítica à noção de periferia, privilegiando a de subúrbio, ver Martins, 2001).

Como o leitor perceberá, há várias diferenças de enfoque e orientação nos artigos desse dossiê. Nossa intenção, de toda forma, não foi a de escolher textos englobados por apenas uma linha disciplinar, teórica ou metodológica, mas principalmente mostrar como as relações entre teoria e pesquisa (etnográfica ou de outra natureza), permeadas por sínteses diversas, propiciam diálogos e interlocuções bastante profícuos na área dos estudos urbanos,¹⁴ como pudemos testemunhar ao longo das apresentações e debates ocorridos entre 2007 e 2009.

Infelizmente não há como, nesse breve espaço, agradecer individualmente àqueles que colaboraram com os textos, comentários e debates, nem ressaltar participações que trouxeram colaborações inegáveis. Fica, de toda forma, nosso reconhecimento a todos que, de algum modo, se envolveram em tais esforços, sem os quais essa empreitada (que não se encerra aqui) não teria sido possível.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, M. Do barraco à casa: tempo, espaço e valor(es) em uma favela consolidada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v. 24, nº 69, p. 69-80, fev./2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *A thousand Plateaus*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

FRÚGOLI Jr., H. A cidade no diálogo entre disciplinas, in Fortuna, C. e Leite, R. P. (orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009, p. 53-67.

FRÚGOLI Jr., H.; Andrade, L. T.; Peixoto, F. A. (orgs.). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: Ed. PUC-Minas/Edusp, 2006.

LACARRIEU, M. B.; CARMAN, M.; GIROLA, M. F. Miradas antropológicas de la ciudad: desafíos y nuevos problemas. *Cuadernos de Antropología Social* nº 30, FFyL, Universidad de Buenos Aires, dec./2009, p. 7-16.

LATOUR, B. *We have never been modern*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1993.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *Laboratory life: the construction of scientific facts*. Princeton: Princeton University Press, 1986 [1979].

¹⁴ Para um balanço recente nessa área, ver Lacarrieu; Carman; Girola (dec./2009).

MACHADO DA SILVA, L. A. (org.). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MARTINS, J. de S. Depoimento. *Espaço & Debates* nº 42, ano XVII, NERU, 2001, p. 75, 84.

VALLADARES, L. do P.; Medeiros, L. *Pensando as favelas do Rio de Janeiro (1906-2000)*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.